

Ulysses diz que não se intimida com críticas do grupo de Covas

BRASÍLIA — Ao reagir ontem às críticas que lhe são dirigidas por parlamentares ligados ao Senador Mário Covas, o Presidente da Constituinte, da Câmara e do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, afirmou que os encontros políticos que tem mantido com lideranças partidárias e coordenadores de bancada fazem parte de seu dever pelos cargos que ocupa.

— Querem que eu fique inerte, indiferente. Não são as críticas que vão me intimidar — disse.

Ulysses tem sido acusado de estar fazendo "jogo duplo", na medida em que dá sinais de aproximação com a ala "progressista" do PMDB — chamando o Senador Mário Covas para um encontro no Palácio do Planalto, quando estava no exercício da Presidência da República — ao mesmo tempo em que se articula com o Presidente Sarney e se reúne com os coordenadores de bancada, identificados com a ala "moderada" e "palaciana" do partido, sem convidar o Líder na Constituinte para o encontro.

Ele respondeu às críticas afirmando que "não há jogo algum", e convocou uma reunião com os líderes do PMDB para discutir as questões partidárias. Observou, ainda, que os coordenadores de bancadas estaduais, com os quais se reuniu na quinta-feira, foram eleitos e, portanto, utilizou-se de meios institucionais para ouvir o pensamento do partido e não de grupos.



Para Ulysses, acusação é 'cretina'

— Jogo está na imaginação mórbida de quem critica. Isso é cretinice — afirmou.

Ulysses disse ainda que todas as reuniões que manteve foram com o objetivo de conhecer o pensamento do partido sobre as questões mais importantes. E citou como exemplo, o problema do mandato do Presidente José Sarney.

Um movimento em favor das eleições diretas para 1988 não vai, segundo Ulysses, prosperar. Na sua opinião, não há atmosfera e clima no País para que cresça agora um movimento nesse sentido. O Presidente

do PMDB não acredita que na festa de posse de Dante de Oliveira na Prefeitura de Cuiabá haja o lançamento de uma campanha pelas eleições diretas no próximo ano, como pretende o ex-Ministro da Reforma Agrária.

Para Dante, a opção de Ulysses pelo mandato de cinco anos para o Presidente Sarney não deverá influenciar o Partido, porque as bases querem quatro anos.

Ele disse que respeita a opção de Ulysses, mas não deu muita importância ao acordo feito pelo Presidente do PMDB com alguns Coordenadores de bancada: "Vamos aguardar os acontecimentos futuros", afirmou. Dante de Oliveira acha que chegou a hora de os que defendem quatro anos de mandato organizarem a população e aprofundarem a discussão sobre a proposta. Mas não defende uma campanha por diretas-já:

— Não quero e não concordo politicamente com uma campanha de diretas-já, para ser colocada nas ruas imediatamente. Isso atropelaria os trabalhos da Constituinte.

Embora convidado, Ulysses não vai à posse de Dante, porque "está envolvido com a Constituinte". O Senador José Richa (PMDB-PR) também disse que não vai. Mas já estão confirmadas as presenças dos Líderes do PMDB no Senado e na Câmara, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Henrique, e cerca de doze deputados "progressistas".

Fernando Henrique vai coordenar acordo dos partidos na Constituinte

BRASÍLIA — O Líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, foi chamado ontem pelo Presidente do Partido, Ulysses Guimarães, e pelo Líder do Governo na Câmara, Deputado Carlos Sant'Anna, a assumir a coordenação dos entendimentos entre os partidos visando a elaboração de uma Constituição que espelhe o pensamento majoritário da Nação.

A iniciativa compreende a tentativa de isolamento do Líder do PMDB na Constituinte, Senador Mário Covas, que vem destoando cada vez mais das posições de Ulysses e do Governo, principalmente na defesa de quatro anos de mandato para o Presidente José Sarney.

Após uma hora de conversa com Sant'Anna, Fernando Henrique mostrou-se receptivo aos entendimentos propostos, mas condicionou sua atuação à participação de todas as correntes ideológicas do PMDB. Ele acha que não existem lideranças ra-

dicais à direita ou à esquerda.

A busca de um entendimento nas questões polêmicas da Constituinte é aceita pelos setores "moderados" e vista com desconfiança pelas correntes "progressistas". A questão fundamental, porém, não é a Constituinte, mas a duração do mandato de Sarney. Na ofensiva para garantir cinco anos para Sarney, o Planalto também começa a dar sinais de que vai usar todas as armas.

Na terça-feira, Sarney reúne-se com a bancada do PMDB do Paraná, iniciando uma série de reuniões com as bancadas. Na quarta-feira, recebe no Palácio da Alvorada todos os presidentes estaduais do Partido e, no decorrer da semana, concede audiência a vários Governadores.

A ofensiva conjunta do Planalto com o Presidente do PMDB produziu fortes reações no grupo ligado a Mário Covas. O Deputado Fernando Lyra (PMDB-PE) reuniu um grupo de 18 parlamentares em sua casa, onde a tônica do encontro foi o fechamen-

to de questão em quatro anos de mandato e a deflagração da campanha presidencial.

Também decidiram iniciar uma mobilização interna no PMDB para o Partido a retomar sua linha programática que, consideram, foi abandonada quando Ulysses Guimarães resolveu adotar o "fisiologismo como ação política".

— Não há um consenso no grupo em torno de nomes para a sucessão, pois isso é a dinâmica do processo que vai determinar. Por enquanto, só há um consenso: todos são contra o nome de Ulysses — afirmou Lyra.

A tendência do grupo, segundo garantiu um dos participantes da reunião na casa do Deputado, é de romper formalmente com a parte "fisiológica" do PMDB e com o Governo. Se a crise não se agravar mais ainda — no que não acreditam — a saída formal do Partido poderá ocorrer dentro de dois ou três meses, segundo previsão do grupo.